

Flávia Lins e Silva

Liu Hong

Nas folhas do chá

O segredo das cartas chinesas



À casa de chá Bai Hua

Rio de Janeiro, 27 de dezembro

Oi,

Meu nome é Gabriela Vilella. Sou brasileira, não conheço ninguém aí na China e talvez esta carta pareça um pouco estranha, mas explico: escrevo em busca de ajuda para minha avó Dália. Ela está com uma doença degenerativa nos olhos que a faz enxergar cada vez menos. Por isso, tem passado as tardes no quarto, com as janelas fechadas, sem vontade de comer ou conversar.

Bom, vou contar minha história com a vó Dália desde o começo: todas as sextas-feiras, quando saio do colégio, vou para a casa dela, onde gostamos de passar as tardes desenhando e pintando. Quando eu era menor, ela me buscava na porta da escola. Agora que tenho treze anos, posso ir sozinha até sua casa. Ultimamente, porém, minha avó não

quer fazer nada, muito menos pintar. Desde que os médicos disseram que sua doença é irreversível, ela parece ter ficado muito deprimida e estou cada dia mais preocupada.

Minha avó é uma mulher admirável, que dedicou boa parte de sua vida a registrar e catalogar as plantas tropicais brasileiras. Depois de se formar em biologia, ela passou alguns meses na Amazônia descobrindo e pintando plantas que ainda eram desconhecidas por grande parte da humanidade.

Ela sempre me contou histórias incríveis da época em que viveu na floresta, como quando foi picada por uma cobra (que por sorte não era venenosa!), ou quando encontrou um escorpião dentro de sua bota. Por tudo isso, tenho um enorme orgulho dela e preciso encontrar um jeito de ajudá-la. Meu pai, o filho mais novo da vó Dália, é um homem bem racional, desses que acreditam em tudo o que os médicos dizem, e, ao ouvir o oftalmologista dizer que não havia nada a ser feito, ele simplesmente aceitou. Acontece que eu não sou do

tipo que desiste logo de lutar. Deve haver uma solução para o caso de minha avó e aposto que vou encontrar!

Decidi escrever para vocês, da casa de chá Bai Hua, porque ontem eu e minha avó tomamos um chá delicioso. Aliás, minha avó adora chás. Ninguém no Brasil tem uma coleção de chás maior que a dela! Quando perguntei que chá gostaria de tomar, ela me pediu que pegasse uma caixa de madeira lá no alto do seu armário. Foi então que descobri que, dentro da caixa, minha avó guarda vários mistérios de seu passado. Entre outras coisas, havia ali dentro uma planta estranha e seca. E, quando ela me pediu que jogasse a tal planta na água fervente, confesso que achei aquilo bem nojento. Mas como minha avó não está enxergando muito bem, pensei que poderia fingir tomar o chá e depois era só me livrar daquele líquido esquisito. Mas, para minha surpresa, assim que joguei a planta na água, algo completamente mágico aconteceu: a planta se abriu, transformando-se numa linda flor. Que perfume delicioso! Não senti mais nojo algum e fiquei louca para provar aquela bebida perfumada.

Minha avó recostou-se na cama, sentiu o aroma, depois tomou o chá com grande prazer. Havia vários dias que ela não sorria ou conversava, mas, naquela tarde, ela decidiu me contar um pouco de seu passado:

- Este chá veio de muito longe, Gabi. Veio da famosa casa de chá Bai Hua, em Pequim, na China. Eu guardei esta flor por muito tempo. Tempo demais, talvez. Mas estou feliz que ainda tenha sabor e perfume e que nós possamos agora compartilhar este chá tão raro. Está gostando?

- Estou adorando, vó. Mas por quanto tempo você guardou esta flor?

- Talvez uns... sessenta anos...

- Sessenta anos! - eu engasquei, sentindo nojo novamente.

- Talvez eu devesse ter jogado este chá fora, mas foi um presente maravilhoso que ganhei do senhor He Chin-Po.

- He Chin-Po? Que nome diferente. Quem é ele, vó Dália?

- Um herbalista, uma espécie de médico. O melhor. Simplesmente o melhor de todos eles! - ela falou, com um sorriso nos lábios.

Eu sempre fui curiosa demais, e às vezes saio disparando perguntas:

- Ele é seu amigo? Onde mora? De onde veio?

Minha avó nunca se irrita com minhas perguntas, mas nem sempre responde a todas e, de vez em quando, simplesmente muda de assunto:

- Então... Você está tomando o chá mesmo? Ou está só fingindo?

- Eu estou adorando, vó. É um tipo de chá... totalmente inesquecível!

- É, Gabi, totalmente inesquecível.

Eu nunca tinha ouvido falar no senhor He Chin-Po antes, mas do jeito que minha avó falou dele comecei a acreditar que ele poderia ajudá-la de alguma maneira. Não sei se ainda está vivo, se está bem de saúde, mas espero que

esteja. Também não sei muito sobre a casa de chá Bai Hua, se ainda existe, se o senhor He Chin-Po trabalha nela...

Se você que está lendo esta carta souber onde ele está, por favor, entregue estas páginas a ele e peça que me escreva de volta. Todos os médicos com quem conversamos aqui dizem que o caso de minha avó não tem solução, mas talvez o senhor He Chin-Po conheça caminhos que nossos médicos desconhecem. Claro que não estou esperando milagres, mas se alguma coisa puder ser feita, eu quero tentar. Não vou desistir enquanto houver essa pontinha de esperança.

Preciso dizer mais duas coisas: não contei à minha avó Dália sobre esta carta para não deixá-la nervosa ou ansiosa. Primeiro, vou aguardar alguma resposta. A outra coisa é que temos muita pressa. Minha avó está cada dia mais triste, cada dia enxergando e comendo menos, e eu fico realmente preocupada. Por tudo isso, peço que me mande notícias o mais rápido possível. Bom, se esta carta chegar ao senhor He Chin-Po, gostaria de dizer que minha avó Dália confia

muito nele. E agora eu também, claro!

Desde já agradeço pela ajuda.

Um grande abraço,

Gabriela Videira Vilella,
neta de Dália Amoedo Vilella

Pequim, 15 de janeiro

Cara Gabriela Vilella,

Tanto tempo se passou desde que você escreveu aquela carta! Só espero que continue no mesmo endereço. Estou escrevendo escondida no meu quarto para que meu pai não me veja. Explico: eu me chamo He Juhua e sou neta do senhor He Chin-Po. Eu também tenho treze anos e estou no ensino fundamental de uma escola em Pequim. Ontem à tarde, depois da aula, voltei para a casa do meu pai (você deve estar se perguntando por que escrevi pai, em vez de mãe, mas a verdade é que eles se separaram e agora vivem em diferentes regiões da cidade, às vezes eu fico com meu pai, às vezes com minha mãe. Nesse dia, era vez de ficar com meu pai, que é a maior manteiga derretida - mas não passo dizer o mesmo sobre a minha mãe!).

Meu pai não é tão rico quanto a minha mãe. Seu apartamento tem apenas dois quartos, mas eu fiquei com o melhor, e embora meu quarto na casa da minha mãe seja maior e mais bonito, com muito mais cacarecos e mobília, é no apartamento do meu pai que me sinto realmente em casa.

Hoje, ao chegar na casa de meu pai, notei que ele estava com as sobrancelhas franzidas, intrigado com um envelope de aparência estranha. Ao me ver, estendeu o

envelope e disse:

— Veja, Ju, uma carta do exterior. Você pode me contar o que dizem estas letrinhas estrangeiras?

Peguei o envelope.

— É do... Brasil.

— É mesmo? — meu pai franziu as sobrancelhas novamente. — O que está escrito no envelope?

— Diz "para a casa de chá Bai Hua". É o nome da empresa da minha mãe.

— Então deviam ter enviado para ela — disse meu pai, irritado.

Sempre que surge algum assunto relacionado à minha mãe, ele fica exaltado.

— Foi redirecionada — eu expliquei e suspirei.

Às vezes parece que a adulta aqui sou eu, tendo duas crianças birrentas como pais.

Olhei novamente para o envelope e exclamei:

— É porque tem o nome do senhor He. Foi por isso que a mãe a redirecionou para você!

Meu pai pegou o envelope de novo e, lentamente, conseguiu decifrar o nome que estava escrito no envelope:

— Senhor He Chin-Po.

Durante um instante olhamos um para o outro, espantados.

— He Chin-Po, mas é o nome do... VÔ!

É melhor eu falar logo sobre essa enorme infelicidade da nossa família. Faz cinco anos que meu pai não se encontra com o pai dele, He Chin-Po. Desde que minha avó morreu, eles pararam de se falar, mas a verdade é que nunca se deram muito bem. Eu me lembro de várias brigas que meu pai e meu avô tiveram quando eu era pequena. Mas, depois que minha avó morreu, a coisa piorou. Meu pai começou a culpar meu avô pela morte dela, dizendo que ele nunca a amou, que ela morreu de tristeza e que meu avô era

um homem cruel. Um dia eles tiveram uma discussão feia e depois disso meu avô deixou nossa casa, indo morar sozinho no campo, no sul do país, onde é a terra da sua família. Meu pai então me proibiu de vê-lo.

Meu pai voltou a olhar a carta.

— Do Brasil... O país para onde ele sempre quis voltar. Bem, veremos se vai conseguir...

Em seguida, atirou a carta no cesto de lixo e amarrou o saco para que fosse retirado do apartamento e levado embora.

Naquela noite, pé ante pé, fui até o cesto e recuperei a carta. Li tudo escondida no meu quarto e sua carta fez com que eu ficasse pensando no meu avô, de quem tenho muita saudade. Sua avó disse que ele conseguiria fazer com que ela se sentisse melhor e eu tenho certeza que sim, pois meu avô pratica medicina natural e sabe tudo sobre ervas e chás. Várias vezes aconteceu de eu estar doente e minha mãe querer me levar correndo para o hospital. Eu começava a gritar dizendo que odiava tomar injeção, daí meu avô me dava um chá e eu sempre melhorava.

Ele tem um jeito gentil, é carinhoso e cheio de histórias. Enquanto morava com a gente, era muito popular na vizinhança: várias pessoas vinham procurá-lo por conta das ervas medicinais e dos chás. Agora esses dias felizes que vivemos com meu avô me deixam com os olhos marejados. Sinto tanta saudade desse tempo... Detesto quando meu pai diz coisas horríveis sobre meu avô. Simplesmente não consigo conciliar essas lembranças com a imagem que meu pai faz dele — de um homem frio e reservado. Como é possível que o mundo seja assim? Por que meu pai fica tão raivoso quando fala do meu avô?

Agora, com essa carta que você mandou, estou ainda mais intrigada. Lembro que meu avô costumava sussurrar sozinho em português, e a razão de falar um português tão bom é que tem uma conexão com o Brasil, claro!

*image
not
available*

hejuhua@chinamail.com.cn

Rio de Janeiro, 30 de janeiro

Querida He Juhua,

Você não imagina como sua resposta me deixou feliz! Que bom que agora podemos nos escrever por e-mail, assim vai ser muito mais rápido e não temos tempo a perder. Depois que enviei aquela carta, decidi contar à minha avó que havia escrito para a casa de chá Bai Hua, torcendo para que ela também se enchesse de esperança. Mas ela sacudiu a cabeça, dizendo:

– Esta sua carta provavelmente vai se perder. Nunca nos responderão, Gabi.

O correio demorou tanto que eu quase acreditei que ela estava certa, mas sua carta mudou tudo! Minha avó Dália ficou tão feliz de saber que seu avô está vivo e bem, que você mal pode acreditar nas mudanças que estão acontecendo por aqui. Obrigada por sua ajuda, He Juhua. É muito bom ter certeza de que podemos contar com você.

Sabe, nos últimos meses, minha avó passou a comer cada vez menos e agora está tão magricela que dá pena ver. Mas tenho certeza de que daqui pra frente tudo vai melhorar. Quando cheguei à casa dela hoje, com seu envelope nas mãos, ela achou que eu estava inventando. Mas consegui convencê-la a abrir a janela um pouco e li a carta do início ao fim. Então ela me pediu que relesse mais quatro vezes, acredita? Depois, decidiu se levantar da cama e foi para a sala almoçar comigo. Incrível! Aposto que agora a vó Dália voltará a comer normalmente, porque hoje devorou um bife no almoço, com arroz e feijão. Fazia meses que ela só comia banana amassada ou sopa e nós, brasileiros, costumamos comer arroz com feijão quase todos os dias.

*image
not
available*

Claro que eu também adoro histórias de detetive. E se você conseguir falar com seu avô, por favor, me mande notícias. Não se esqueça de perguntar a ele sobre um chá ou alguma erva que possa melhorar a visão da minha avó, tá?

Que bom que inventaram o e-mail, né? Imagine como devia ser quando nossos avós eram jovens! Quantas semanas ou meses devia levar uma carta do Brasil até a China sessenta anos atrás? Quantas cartas ou postais podem ter se perdido no caminho naquela época?

Não sei ainda muito sobre o que houve entre nossos avós, mas já deu para notar que a vó Dália tem uma grande admiração pelo seu avô. Ontem ela estava se sentindo melhor e quis se deitar na rede, no jardim. Então eu a ajudei a caminhar, calmamente, até o lado de fora. Tenho ido à casa dela quase todos os dias, já que ela tem se mostrado empolgada em conversar sobre o passado. Estávamos tomando um chá brasileiro, de capim cidreira, quando ela me contou, quase como um segredo:

– O senhor He Chin-Po é diferente de todos os homens que conheci, Gabi. Muito inteligente, respeitador, nunca foi egoísta. Sempre se importou com os outros. Um homem muito gentil. Incrivelmente gentil...

Sabe, Juhua, a vó Dália me contou que o vô Otávio tinha a maior crise de ciúme cada vez que ela contava alguma história da Amazônia ou da época em que conviveu com o seu avô na floresta. Por isso esse assunto ficou guardado na caixinha, quase proibido, durante muitos e muitos anos. Acho que minha avó Dália sempre foi mais moderna do que as mulheres de sua época e talvez tenha sofrido um pouco com o jeito antiquado do meu avô. Ele não era má pessoa. Era também muito carinhoso, mas nunca teve uma cabeça tão aberta quanto a da minha avó.

Agora vou voltar às suas perguntas: você quer saber o que o

que ir ao psicólogo! E como aqui ainda é dia, estou completamente acordada e cheia de vontade de contar mais sobre a minha vida a você...

Eu moro com minha mãe num apartamento de dois quartos, bem apertadinho. Minha mãe voltou a se casar e eu ganhei um irmão chamado Bruno. Ele tem três anos e é muito fofo e esperto, mas detesto ter que dividir o quarto com ele. Primeiro, porque ele tem dez anos a menos que eu! Segundo, porque é um menino bem bagunceiro e larga todos os brinquedos pelo caminho. Meu quarto vive cheio de carrinhos pelo chão, acredita? Ontem tropecei em um deles e quase quebrei o nariz. Foi horrível. Tudo o que mais quero é que a gente se mude para um apartamento maior onde eu possa ter meu próprio quarto, bem arrumado, do meu jeito. Aí vou poder convidar minhas amigas para me visitarem depois da escola. No momento, morro de vergonha. Não quero que ninguém entre no meu quarto de jeito nenhum. A única coisa boa do meu prédio é a piscina. Sempre que posso, pego meus livros e passo a tarde lá no sol, lendo e nadando. Nadando e lendo.

Minha mãe vive dizendo que logo logo nos mudaremos para um apartamento maior, mas ela e o marido reclamam tanto que o dinheiro está apertado que eu duvido muito. Quando vou para a casa do meu pai, nos fins de semana, também tenho que dividir o quarto com minha irmã, Susana. Eu gosto de brincar com ela, mas às vezes a Susi acorda chorando no meio da noite e eu acordo junto. Eu não mereço, né? Olha a situação: eu tenho um irmão e uma irmã, eles têm pai e mãe morando juntos, eles têm a casa deles fixa, mas eu vivo de um lado para o outro e me sinto uma estranha em todos os lugares. É como se nenhuma dessas casas fosse realmente a minha, entende?

Ai, como eu queria um quarto todo meu. Se eu pudesse ir morar

Mande notícias assim que puder, tá?

Beijinhos,

Gabi



gabivilella@brazil.com.br

Liulin, província Guizhou, 4 de fevereiro

Querida Gabi,

Adivinhe onde estou agora! Estou escrevendo de uma *lan house* minúscula e lotada, numa cidade a milhares de quilômetros de distância de Pequim, com música tocando no último volume – acho que é Madonna, uma das minhas cantoras favoritas – e muitos homens fumando que nem loucos, o que está me dando ataque de tosse. Mas eu não ligo, pois estou escrevendo para você. Estou na cidade mais próxima do local onde meu avô mora, enviando essa mensagem e... Sim! Seu desejo (bem, o nosso desejo) se realizou! A mágica funcionou! Eu o encontrei! Foi uma viagem e tanto! Vou contar tudinho: Liulin fica a cerca de 2.700 quilômetros de Pequim, e eu levei um dia e meio viajando (aproximadamente vinte e sete horas). Eu estava ao mesmo tempo nervosa e eufórica. Deixei um bilhete para o meu pai – pois era para eu ter passado o Ano-Novo com ele – explicando por que tive de partir. Só espero que ele não crie muito caso e não chame a polícia ou algo do tipo.

Trouxe meu celular, mas o desliguei de propósito, pois sabia que meus pais – quer dizer... meu pai, especialmente – ficariam ligando o tempo todo, insistindo para eu voltar. O trem estava lotado, cheio de gente indo para casa a fim de passar o Ano-Novo com a família. Depois da euforia inicial de estar me sentindo uma aventureira,

algumas casas, até que alcançamos o fim do vilarejo. Lá longe, avistei um bangalô bem espaçoso cercado por um bosque pequeno e denso. Mesmo com a pouca luz dava para ver o colorido da floração ao redor da casa. Aqui e ali uma árvore frutífera exibia seus frutos, graciosos como pequenas lanternas, e no ar noturno senti o cheiro das flores e ervas. Eu estava tantas milhas ao sul que o clima havia mudado radicalmente. Aqui já é quase primavera. O garoto ao meu lado estava quieto, mas deu para perceber que é bem-educado. Sem dizer nada, ele havia pegado minha mala pesada e colocado nos ombros. Ao avistar o bangalô espaçoso, parou:

– É ali que o doutor He mora. Ele tem um jardim botânico, é por isso que vive separado da gente. Diz que precisa de espaço para plantar todas as suas ervas medicinais.

A primeira visão que tive do meu avô foi superanimadora. Ele continua o mesmo homem magro e esbelto de que me lembrava. Estava encurvado, cuidando de um botão de rosa, e levantou os olhos quando nos aproximamos. Primeiro, seu rosto revelou uma expressão confusa, depois, reconhecimento e alegria.

– Vô! – eu gritei, correndo para ele com lágrimas nos olhos.

De perto vi como havia envelhecido.

– Juju! – ele esticou os braços e ficou perguntando: – É você, de verdade?

Eu balancei a cabeça, mas as palavras não saíam.

Meu avô olhou para além de mim, como que esperando mais alguém. Eu me dei conta do que ele estava procurando.

– Não, o pai não veio comigo. Eu vim sozinha.

Seu sorriso cedeu um pouco.

O menino que tinha me levado até ali saiu de fininho, mas meu avô, agora um pouco restabelecido, o chamou:

P.S. – Eu mandei para você um pacote de chá de crisântemo, do meu avô. Ele preparou uma mistura especialmente para sua avó Dália. Espero que chegue logo.

hejuhua@chinamail.com.cn

Rio de Janeiro, 6 de fevereiro

Oi, Juju,

Desculpe se não respondi logo ao seu e-mail, mas o Carnaval já começou aqui no Rio e a cidade está uma loucura. Ruas lotadas, blocos de samba por todos os lados. Fiquei na rua até tarde e só hoje consegui ler o que você escreveu. Ainda não voltei à casa da vó Dália, mas liguei para contar as novidades. Ela não podia imaginar que eu já tivesse notícias do seu avô tão rápido assim! Acho que eles passaram tanto tempo esperando por cartas (que aparentemente nunca chegaram!), que mal podem acreditar que a comunicação hoje seja realmente instantânea. Que maravilha que é apertar o botão para “enviar” e pronto! Em segundos você já recebe a minha mensagem e nada se perde no caminho, né?

Pelo que entendi, seu avô escreveu à vó Dália mas ela nunca recebeu as cartas dele. Será que se perderam nos navios que as transportavam? A distância é mesmo enorme e muita coisa pode ter acontecido. Ou então... será que elas foram interceptadas? Eu vi isso num filme, uma vez! Precisamos descobrir o que houve. É muito triste saber que eles tentaram se comunicar e não conseguiram. Sessenta anos se passaram e eles ficaram esse tempo todo sem se ver ou se falar. Que loucura!

Por favor, agradeça ao seu avô por ter enviado o chá para minha avó. Eu mando um e-mail avisando assim que chegar aqui, tá? Vó Dália está tão faladeira que você nem pode imaginar. Que mudança! Somos muito gratas a você, Juju. Se eu pudesse, abraçava

experiência, mas... não sei.

Continuo sonhando me casar bem apaixonada e fico com pena de a história entre nossos avós não ter dado certo. Será que eles esperaram tempo demais e o amor esfriou? Talvez a distância entre Brasil e China seja mesmo muito grande e as diferenças culturais também sejam enormes, né? Temos que descobrir o que realmente aconteceu. Estou louca para saber tudo! Mas agora vou escrever sobre o nosso Carnaval. Esta última semana foi superanimada! Meu pai toca tamborim num bloco de samba. Então nós seguimos o bloco dele pelo meio da rua, sambando por mais de cinco horas. Fiquei completamente exausta mas foi bom demais! Meu pai estava engraçadíssimo, vestido de freira. Eu me vesti de índia, com um cocar que meu tio Celso, irmão do papai, trouxe lá do Xingu. Você não imagina que cocar mais bonito, Juju, todo feito de penas azuis. Lindo, lindo!

Beijos,

Gabi



Bom, além de estar ficando gordinha, sou uma garota bem desastrada! Sabe essas pessoas que sempre quebram coisas sem querer? Sou eu! Hoje mesmo minha mochila esbarrou num retrato que caiu no chão, quebrando o vidro. Minha mãe ficou uma arara! Além disso, acho que sou um pouco impaciente. Será que eu devia fazer ioga ou meditação? Será que seu avô conhece um chá para acalmar pessoas agitadinhas como eu?

Também quero saber mais sobre Xiao Tao. Ele é bonito? Parece ser muito gentil. E se ele estiver sendo mais gentil que o normal isso pode significar que gosta de você. Será? O que acha? Vocês já tiveram algum tipo de conversa especial? Tem um garoto na minha sala que eu adoro. O nome dele é Bernardo, mas parece que ele me ignora, principalmente depois que derrubei suco de laranja na mochila dele. Foi um acidente, claro. Ele tinha deixado a mochila no chão, eu cheguei correndo, atrasada, com o suco na mão e... já pode imaginar o desastre! A mochila dele ficou toda molhada e agora ele vive fugindo de mim. Bom começo, né?

Juju, me conte mais sobre o Ano-Novo chinês. Minha avó falou que cada ano é regido por um animal. Este é o ano de que animal? Como vocês contam os anos? O Brasil é um país mais católico, mas temos também outras religiões, como as africanas, por exemplo. Por isso no Ano-Novo nós nos vestimos de branco e vamos levar à praia flores para Iemanjá.

Segundo a religião africana, Iemanjá é a deusa do mar. Como o Brasil teve um sistema de escravidão (infelizmente!) que durou até 1888, muitos africanos foram trazidos para cá. Com isso, os hábitos e a cultura de alguns povos africanos se juntaram à cultura dos portugueses e à cultura indígena e nosso país virou um grande caldeirão cultural.

Minha avó é bem original no que diz respeito a religiões. Ela não

adoro poesia. Veja o que acha deste poema, do poeta Mário Quintana, chamado “Das utopias”:

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
a mágica presença das estrelas!

Todas as terças, no museu em frente à minha escola, o professor de português faz um sarau de poesia. Cada um leva um poema decorado, fazemos um círculo e recitamos. É um momento muito bacana e o Bernardo sempre vai. Acredita que na última terça-feira ele também levou um poema do Mário Quintana? Acho que, depois dessa noite, ele finalmente notou que eu existo e que, além de desastrada, admiro o mesmo poeta que ele.

Para o próximo encontro, decidi decorar um poema de Manoel de Barros, um poeta brasileiro que eu amo muito e que sempre arranca poesia de pedras e lesmas. Parece que ele consegue enxergar poesia por onde quer que passe, até no menor grão de areia. Olhe este poema dele:

Caracol é uma casa que se anda
E a lesma é um ser que se reside

Não é interessante? Eu não conhecia ainda a poesia chinesa, mas minha vó Dália me emprestou um livro de um poeta chamado Li Po, que foi traduzido para o português por uma poeta brasileira famosa chamada Cecília Meireles. Eu li vários poemas para ela em voz alta e gostei muito deste aqui, chamado “Bebo sozinho ao luar”. Você conhece? Começa assim:

o anel de presente para Iemanjá, sem querer, num banho de mar, já pensou? É claro que não quero perdê-lo de jeito nenhum.

– Um dia este anel vai ser seu, Gabi. Fica combinado! E aposto que você vai viver um grande e inesquecível amor – minha avó me disse, com seu jeito carinhoso.

Ai, Juju, mal posso esperar para viver um grande amor. Queria tanto amar e ser amada por alguém, assim como aconteceu com os nossos avós! Você pode imaginar como minha avó anda nestes dias? Parece tão feliz e sorridente que é como se não tivesse mais problema nenhum nos olhos. Ela continua sem poder ler, sem poder pintar, mas nada disso agora parece perturbar sua felicidade. Acho que essas notícias do seu avô, mesmo com sessenta anos de atraso, estão fazendo muito bem a ela. Volta e meia minha avó fecha os olhos, sorri e murmura:

– Que bom saber que ele ainda está vivo. Que bom!

Preciso confessar que continuo intrigadíssima com o sumiço das cartas. Parece que estamos num filme de detetives, em busca de uma pista que resolva esse mistério. Mas essas cartas não parecem ter sido simplesmente perdidas. Acho que foram interceptadas, você concorda? Será que o governo brasileiro ou o governo chinês sumiu com elas? Que acha? Vou tentar descobrir mais alguma coisa por aqui. Tente descobrir algo também, ok? Estou intrigada demais para simplesmente deixar tudo isso sem resposta.

Bom, agora tenho que ir dormir que já é bem tarde aqui no Brasil e deve ser meio-dia aí na China.

Amanhã escrevo mais.

Beijos,

Gabi

